CATAR: UMA PEQUENA, MAS INFLUENTE PENÍNSULA

PARTE 3: O PAPEL DA ENERGIA NA MEDIAÇÃO DO CATAR ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E O IRÃ

*Por Hamid Hajizadeh**



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O maior campo de gás do mundo é dividido entre Irã e Catar, e quem mais lucra é o país menor. Sanções, tecnologia e ritmo de extração explicam a inversão e ajudam a entender por que Doha corre para mediar entre Teerã e Washington.

Tem circulado nas redes sociais em língua persa uma história afirmando que o Catar obteve US$ 1,3 trilhão a partir de seu campo de gás compartilhado com o Irã, o maior campo de gás natural compartilhado do mundo, enquanto o Irã não obteve nada. Essa alegação é, certamente, exagerada, mas contém uma verdade subjacente: o Catar é minúsculo, enquanto o Irã é vasto. Contudo, quando se trata de lucrar com recursos naturais compartilhados, os papéis parecem estar invertidos!

A PARTICIPAÇÃO DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS NA ECONOMIA DO CATAR

O Catar é um pequeno país situado às margens do Golfo Pérsico, cujo poder econômico e influência internacional estão profundamente enraizados em suas vastas reservas de petróleo e gás natural. Embora, nos últimos anos, o país tenha buscado diversificar sua economia e expandir sua atuação para áreas como transporte aéreo, turismo, serviços financeiros e investimentos internacionais, as receitas provenientes de hidrocarbonetos, especialmente do gás natural, continuam a desempenhar um papel decisivo em sua economia.

Segundo um relatório da Administração de Informações sobre Energia dos Estados Unidos (EIA, *U.S. Energy Information Administration*), as receitas do setor de hidrocarbonetos do Catar representaram, em 2023, aproximadamente 83% da receita total do governo. Esse dado demonstra que, apesar do desenvolvimento de setores não ligados a combustíveis fósseis, o orçamento público do Catar permanece fortemente dependente das receitas de petróleo e gás.

Na prática, o Catar conseguiu transformar a riqueza extraída de seus recursos do subsolo em capital global, um capital que, hoje, circula por meio de fundos de investimento, participações em grandes corporações, setor imobiliário, infraestrutura e atividades econômicas em diversos países.

Portanto, manter a estabilidade na produção e na exportação de energia não é, para o Catar, apenas uma questão econômica; está também diretamente ligado à posição política e à influência internacional do país.

O CAMPO DE GÁS COMPARTILHADO ENTRE IRÃ E CATAR: RIQUEZA COMUM, DESTINOS DISTINTOS

Uma das questões mais relevantes nas relações econômicas entre o Irã e o Catar é o imenso campo de gás compartilhado pelos dois países. Do lado iraniano, ele é conhecido como South Pars, enquanto o Catar denomina a sua parte de North Field. Este vasto reservatório, considerado o maior campo de gás conhecido no mundo, foi descoberto no lado catari em 1971, enquanto sua seção iraniana foi identificada em 1990.

O Catar iniciou a produção comercial em sua parte do campo em 1991. Por meio de investimentos vultosos, da utilização de tecnologias de empresas internacionais e do desenvolvimento de infraestrutura de exportação, o país tornou-se um dos maiores produtores e exportadores de gás natural liquefeito (GNL) do mundo.

O Irã, por sua vez, começou a desenvolver sua seção mais tarde e implementou o projeto de desenvolvimento do South Pars em 24 fases. Embora o Irã tenha aumentado significativamente sua produção de gás a partir desse campo ao longo dos anos, ele ainda permanece consideravelmente atrás do Catar em termos de investimentos, tecnologia e infraestrutura de exportação.

O Catar elevou sua capacidade de produção de GNL para aproximadamente 77 milhões de toneladas por ano e planeja aumentá-la para 142 milhões de toneladas anuais até o final de 2030. Essa expansão fortalecerá ainda mais a posição do Catar no mercado global de energia.

SANÇÕES E O DESENVOLVIMENTO DAS FASES DE SOUTH PARS

Um dos principais fatores por trás da diferença no ritmo de desenvolvimento entre os dois lados do campo compartilhado tem sido as restrições decorrentes de sanções internacionais impostas ao Irã.

O desenvolvimento de campos de gás de grande porte exige investimentos substanciais, tecnologia sofisticada de perfuração e extração, equipamentos *offshore* avançados, instalações de processamento, além de infraestrutura de transporte e exportação. Em projetos dessa magnitude, a simples posse de recursos naturais não é suficiente para viabilizar uma produção economicamente sustentável.

Nos últimos anos, especialmente após o endurecimento das sanções, o Irã tem enfrentado dificuldades consideráveis para atrair grandes empresas internacionais e obter os equipamentos de que necessita. A saída de empresas estrangeiras, ou as restrições impostas às suas atividades, tornaram o financiamento dos projetos mais complexo e, em alguns casos, atrasaram sua implementação. Essas restrições não se limitaram à fase de construção dos projetos. Atualmente, como as seções mais antigas do South Pars apresentam um declínio natural na pressão do reservatório, o Irã necessita de tecnologias avançadas de manutenção de pressão e compressores *offshore* para sustentar os níveis de produção. A aquisição e a fabricação desses equipamentos também foram afetadas pelas sanções. Segundo uma análise do Centro de Política Energética Global da Universidade de Columbia, o South Pars responde por aproximadamente 80% da produção de gás do Irã. O acesso limitado a equipamentos de aumento de pressão e a tecnologias de recuperação avançada tem sido um dos principais fatores que retardam o crescimento da produção de gás iraniana.

Assim, as sanções não apenas complicaram o desenvolvimento inicial do campo, como também se tornaram um obstáculo sério na fase de produção e manutenção, dificultando a prevenção da queda da pressão no reservatório.

A DIFERENÇA NOS VOLUMES DE EXTRAÇÃO: UMA COMPETIÇÃO DESIGUAL

Ao analisar um campo compartilhado, não basta comparar apenas a capacidade nominal de produção ou o volume de reservas. A quantidade acumulada extraída por cada parte ao longo do tempo também é um fator relevante.

O Catar começou a explorar sua parcela quase uma década antes do Irã e, ao longo de várias décadas, desenvolveu sua infraestrutura de produção e exportação em um ritmo mais acelerado. Segundo estimativas publicadas nos últimos anos, embora os volumes diários de produção de gás dos dois países tenham, por vezes, se aproximado, com ambos registrando cerca de 500 milhões de metros cúbicos por dia, estima-se que a extração acumulada do Catar no reservatório compartilhado ainda seja superior à do Irã.

Um relatório do Iran Open Data Institute chegou a estimar que a extração acumulada do Catar na porção de gás do campo é aproximadamente o dobro da do Irã, enquanto, na camada de petróleo compartilhada, a extração catari é várias vezes maior. Esses números, contudo, são estimativas baseadas em diversas fontes de dados e devem ser interpretados com cautela, dada a ausência de estatísticas transparentes e unificadas sobre a extração acumulada de ambas as partes.

Uma questão ainda mais significativa diz respeito à camada de petróleo do South Pars. Enquanto o Catar tem mantido uma atividade intensa, há anos, na área correspondente do seu lado, conhecida como campo Al Shaheen, o desenvolvimento da porção iraniana tem enfrentado atrasos. Essa disparidade evidencia a importância do *timing* e do ritmo de desenvolvimento na exploração de recursos compartilhados. A parte que investe mais cedo e tem acesso a tecnologias mais adequadas consegue garantir uma parcela maior dos benefícios econômicos do reservatório.

CONTINUIDADE DAS SANÇÕES: BENEFÍCIO ECONÔMICO PARA O CATAR?

Surge, então, uma questão fundamental: será que a manutenção das sanções contra o Irã, e as consequentes limitações à capacidade do país de desenvolver sua indústria energética, poderia contribuir a preservar a posição econômica do Catar?

A resposta deve ser analisada à luz de alguns fatos.

Em primeiro lugar, o Catar explorou o campo compartilhado em um ritmo mais acelerado e se tornou uma das principais potências na exportação de GNL. O Irã, por outro lado, não tem conseguido converter todo o potencial de seus recursos em um poder econômico e comercial equivalente, devido a restrições a investimentos, tecnologia e infraestrutura de exportação.

Em segundo lugar, o levantamento das sanções poderia abrir caminho para investimentos estrangeiros, acesso a tecnologias avançadas e o desenvolvimento da infraestrutura de produção e exportação de gás do Irã. Nessas circunstâncias, o Irã poderia, a longo prazo, emergir como um concorrente mais expressivo no mercado global de energia.

Em terceiro lugar, a manutenção das sanções não apenas restringe as exportações de energia do Irã, como também enfraquece sua capacidade de desenvolver uma indústria de GNL e estabelecer uma presença mais ampla nos mercados globais. Como resultado, o Catar encontra maiores oportunidades para consolidar sua posição e ampliar sua participação no mercado.

Sob essa ótica, a continuidade das restrições econômicas ao Irã poderia, indiretamente, alinhar-se aos interesses econômicos do Catar. Isso não significa, naturalmente, que o Catar deseje a permanência das sanções ou a continuidade do atual sistema político iraniano. Existe uma diferença entre beneficiar-se de uma vantagem econômica e buscar, deliberadamente, preservar as condições políticas que a originam. Para afirmar o segundo caso, seriam necessárias evidências concretas.

Ainda assim, não se pode ignorar a possibilidade de que mudanças no cenário político e econômico do Irã, bem como seu retorno ao mercado global de energia, alterem, a longo prazo, o equilíbrio competitivo entre os dois países.

A MEDIAÇÃO DO CATAR SOB A ÓTICA DE SUA PRÓPRIA SEGURANÇA

Os recentes episódios de tensão entre os Estados Unidos e o Irã, bem como as respostas iranianas, demonstraram que boa parte dos alvos militares visados pelo Irã no Catar estava relacionada à presença e às atividades militares dos Estados Unidos, uma presença, vale ressaltar, que o próprio Catar acolhe em seu território. Portanto, a motivação de Doha para atuar como mediador não pode ser reduzida, unicamente, à preocupações com a proteção de seus investimentos e instalações econômicas.

A questão central para o Catar era manter um equilíbrio delicado entre sua aliança de segurança com os Estados Unidos e suas relações de vizinhança com o Irã, evitando, ao mesmo tempo, que seu território se tornasse um campo de batalha para um confronto militar entre as duas partes. Nesse contexto, a mediação do Catar foi uma tentativa de gerenciar justamente essa contradição: defender sua soberania e segurança sem ser arrastado para um confronto direto com o Irã, nem comprometer seu papel e sua credibilidade perante os EUA e outros atores regionais.

Não se deve esquecer a posição oficial do Irã em relação aos ataques ocorridos em seu território. Autoridades iranianas enfatizaram que os ataques com mísseis tinham como alvo interesses e instalações militares norte-americanos, e não o Catar em si. Abbas Araghchi reiterou essa mesma posição em uma conversa com o primeiro-ministro catari. Posteriormente, o presidente do Irã pediu desculpas aos países vizinhos pelas consequências da guerra.

Embora Doha não tenha aceitado essas explicações, considerando os ataques uma violação de sua soberania e segurança territorial, é preciso levar em conta outra distinção política: o Irã jamais ameaçou a autoridade política estabelecida no Catar, ao contrário do que se observou em suas relações com o Bahrein.

Essa distinção é relevante para a análise das relações entre os dois países. O Irã estabeleceu uma diferenciação entre sua oposição à presença militar norte-americana na região e suas relações com o governo catari. Portanto, as preocupações do Catar com a segurança não podem ser interpretadas simplesmente como receios de uma ameaça direta, por parte do Irã, à sua soberania política. Grande parte dessas preocupações decorre, na verdade, da posição delicada em que o país se encontra, situado entre duas partes envolvidas em um conflito.

Assim, a mediação de Doha deve ser compreendida como um esforço para salvaguardar diversos interesses simultaneamente: evitar a expansão da guerra, proteger sua segurança nacional e sua soberania, preservar sua relação estratégica com os Estados Unidos e manter relações administráveis com o Irã.

***Hamid Hajizadeh** é jornalista iraniano, escritor e poeta persa residente nos Emirados Árabes Unidos. Hamid é analista político e especialista em Turquia, Afeganistão e nos países do Golfo Pérsico. É formado em engenharia econômica e apresentador-especialista em programas de rádio do Irã.*
